



Instituto Federal de Brasília
Campus Samambaia
Licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica

Denise Maria de Sousa Silva

**A IMPORTÂNCIA DA AUTONOMIA DO DISCENTE EM SEU
PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE**

Brasília
2021

Denise Maria de Sousa Silva

A IMPORTÂNCIA DA AUTONOMIA DO DISCENTE EM SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Relato de Experiência apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica do *Campus* Samambaia, do Instituto Federal de Brasília, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciada em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Dr. Rodrigo Soares Guimarães Rodrigues

Brasília
2021

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DO CAMPUS SAMAMBAIA DO IFB**

Bibliotecária: Gracielle Ribeiro – CRB 1/2128

S586 Silva, Denise Maria de Sousa
A importância da autonomia do discente em seu processo de
formação docente / Denise Maria de Sousa Silva – Brasília : IFB,
2021.

28 f. : il.

Monografia (Licenciatura em Educação Profissional e
Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Brasília, 2021.

Orientador: Rodrigo Soares Guimarães Rodrigues

1. Prática pedagógica. 2. Autonomia. 3. Freire, Paulo, 1921-
1997. I. Rodrigues, Rodrigo Soares Guimarães. II. Título.

CDU 37.13

Denise Maria de Sousa Silva

A IMPORTÂNCIA DA AUTONOMIA DO DISCENTE EM SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Relato de Experiência apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica do *Campus* Samambaia, do Instituto Federal de Brasília, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciada em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em: 8 / 9 /2021

BANCA EXAMINADORA

Dr. Rodrigo Soares Guimarães Rodrigues – Orientador
IFB, *Campus* Samambaia

Dra. Fabiana Casarin – Membro Interno
IFB, *Campus* Samambaia

Alex Pereira dos Santos – Membro Externo

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me permitir vencer mais esta etapa acadêmica.

Agradeço a minha família, por sempre apoiar meus estudos.

Agradeço ao professor Rodrigo Rodrigues, por me ajudar a finalizar e orientar este trabalho.

Agradeço à professora Mônica Pereira, por ser tão humana ao ensinar e a todos os professores que fizeram parte da minha formação docente.

Agradeço a todos os meus colegas e amigos que fizeram parte desta história de sucesso na aprendizagem, em especial ao Aderson, que com coração voluntário contribuiu muito para a construção de meu relato de experiência.

Aos colegas Davi, Albertino, Laiz, Ari, Mário, Cristina, Aline, Alex e David, que sempre me apoiaram em trabalhos acadêmicos.

Agradeço à colega Sthefani Wanzeller, que tanto colaborou no processo de construção e finalização deste relato de experiência.

Por fim, agradeço à professora Daila, por sempre me apoiar em concluir este curso.

RESUMO

Este texto é um relato de experiência do curso de Licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica, do Instituto Federal de Brasília, *Campus Samambaia*. Tem por objetivo geral analisar se a “autonomia” proposta por Freire no livro *Pedagogia da Autonomia* é utilizada nas metodologias dos professores do *Campus Samambaia*. Como objetivos específicos, apontar as semelhanças e diferenças entre as metodologias de Freire, Libâneo e Saviani com relação à autonomia dos alunos, e identificar se essa autonomia foi incentivada em todos os semestres da licenciatura. Metodologicamente, utiliza-se de pesquisa de cunho bibliográfica e experimental. Como resultados foi percebido que os professores do *Campus* utilizam de metodologias que facilitem o ensino-aprendizagem e possibilitam essa autonomia tão defendida por Freire. Sendo possível responder a um questionamento pessoal que surgiu na elaboração dos planos de aula para o curso FIC (Formação Inicial e Continuada), que seria como dar uma aula aplicando metodologias mais adequadas e que facilite o ensino-aprendizagem. Esta pesquisa tem por objetivo apresentar uma revisão de literatura referente ao incentivo à autonomia e ao protagonismo do discente, a partir do currículo. Para tal, realizamos um estudo qualitativo, considerando as orientações do estágio curricular, análise e inferência dos resultados da pesquisa. Dentre os principais resultados, destacamos sobre o currículo: possui marcas multirreferenciais que acentuam o seu caráter dinâmico e interativo; precisa levar em consideração as características dos indivíduos, concedendo o protagonismo desses no respectivo desenvolvimento formativo; e, por fim, entendemos que o currículo que leva à autonomia precisa pautar-se no diálogo e na formação do pensamento crítico. Dessa maneira, indicamos como considerações finais que os estudos curriculares se recobrem de certa complexidade no contexto contemporâneo, e carecem de ser abordados e considerados no núcleo das ciências da educação e das ciências sociais.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas; Paulo Freire; Autonomia.

ABSTRACT

This is an experience report of the Degree in Professional and Technological Education at the Federal Institute of Brasília, Campus Samambaia. The general objective was to analyze whether the autonomy proposed by Freire in the book *Pedagogia da Autonomia* is used in the methodologies of the teachers at Campus Samambaia. As specific objectives, point out the similarities and differences between the methodologies of Freire, Libâneo and Saviani in relation to the students' autonomy and identify if this autonomy was encouraged in all semesters of the degree. Methodologically, it uses bibliographic and experimental research. As a result, it was noticed that the Campus teachers use methodologies that facilitate teaching and learning and enable this autonomy so defended by Freire, being possible to answer a personal question that arose in the elaboration of the lesson plans for the FIC that would be like teaching a class. applying more appropriate methodologies and facilitating teaching-learning.

Keywords: Pedagogical practices; Paulo Freire; Autonomy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 METODOLOGIAS.....	9
3 TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS.....	11
4 AUTONOMIA FREIRIANA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE ..	14
5 ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO.....	17
5.2 Estágio I: Observações.....	17
5.2 Estágio II: Entrevistas.....	18
5.3 Estágio III: Elaboração do Curso FIC	19
5.4 Estágio IV: Aplicação do curso FIC	20
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS.....	23
APÊNDICES	24

1 - INTRODUÇÃO

Este relato é o resultado da experiência formativa na Licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica, do Instituto Federal de Brasília, *Campus* Samambaia. É uma discussão da autonomia no trabalho do docente, contextualizando o material de estágio como base dessa pesquisa-ação do relato de experiência.

De acordo com o Projeto do Curso de Licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica (2018), o *Campus* Samambaia foi criado em 2008, por meio da Lei 11.892. A unidade oferece formação técnica nas áreas de Construção Civil, Meio Ambiente e Produção Moveleira, além da Licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica para aqueles que já possuem alguma graduação.

Esse relato se justifica por uma busca pessoal de uma educação mais autônoma, mais voltada para a educação progressista com tendência libertadora, onde o foco é o próprio estudante, e o professor faz parte dessa mediação do ensino-aprendizagem, conforme Freire (1997). Tem como base os estágios supervisionados em que foram oferecidos durante o curso, divididos em quatro etapas: observações realizadas no ensino subsequente e no ensino técnico; entrevistas semiestruturadas realizadas com alunos do próprio *Campus*; elaboração do plano do curso de Formação Inicial e Continuada (FIC), a partir do conhecimento adquirido com estágio um e dois e; a intervenção, ministrando aulas no curso elaborado na terceira etapa.

2 - OBJETIVO GERAL

Teve por objetivo geral analisar se a autonomia proposta por Freire no livro *Pedagogia da Autonomia* é utilizada nas metodologias dos professores do *Campus* Samambaia. Como objetivos específicos, apontar as semelhanças e diferenças entre as metodologias de Freire, Libâneo e Saviani com relação à autonomia dos alunos, e identificar se essa autonomia foi incentivada em todos os semestres da licenciatura.

Metodologicamente, optou-se por uma pesquisa de cunho bibliográfica e experimental, com vistas a conversar com autores de cunho marxista, dialogando com as bases sociais e a representação de métodos de acordo com a experiência da autonomia no processo de formação do discente para a docência acadêmica. Lakatos e Marconi (2003) explicam que “a pesquisa bibliográfica tem por finalidade colocar o

pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”.

Esse relato de experiência em conversação com o curso de licenciatura em educação profissional e tecnológica para graduados não licenciados teve por base uma análise bibliográfica, fundamentalmente, a *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, e as vivências nas disciplinas de estágio; com relatos da bagagem e angariação dos autores marxistas e a formação docente no pleito da autonomia do conhecimento. Com relação entre as metodologias entre as abordagens de métodos educacionais e a relação da *práxis*, com o desenvolvimento cognitivo das abordagens do conhecimento e suas correlações autônomas.

A consciência crítica, como salienta Freire (1993), não é uma competência cuja posse é desejada para as classes oprimidas, mas antes é razão que fundamenta sua dominação. Assim, a autonomia intelectual, na medida em que não é alcançada, reforça os processos que obedecem a interesses egoístas; a pedagogia que parte “dos interesses egoístas dos opressores, egoísmo camuflado de falsa generosidade, faz dos oprimidos objetos do seu humanitarismo, mantém e encarna a própria opressão. É instrumento de desumanização.” (FREIRE, 1993, p. 41).

Gonçalves (2003, p.66) aponta que a pesquisa experimental pode ser definida como “aquela que se refere a um fenômeno que é reproduzido de forma controlada, submetendo os fatos à experimentação (verificação), buscando, a partir daí, evidenciar as relações entre os fatos e as teorias”.

A interação do indivíduo com o meio ambiente é, pois, tão importante quanto os atributos do ambiente no qual o sujeito se encontra. O caminho em direção à autonomia intelectual pode ser facilitado se o aluno encontra objetos de incentivo. Eles podem ser desde a postura crítica dos professores, a relação com os colegas, até as características que compõem as práticas docentes e curriculares responsáveis por delinear o dia-a-dia em sala de aula.

2.1 - Objetivos Específicos

- Realizar a reflexão histórica em relação a formação dos educandos e a concreção da realidade contemporânea da educação, com as distorções entre as modalidades educacionais e ofertas nessa relação normativa e curricular da educação.

- Manter a autonomia, já que os estudantes são formados para o trabalho. Uma educação alienada, que forma os futuros trabalhadores como seres unilaterais, especializados, que não estão interessados nas consequências de sua atividade para os demais seres humanos, mas estão preocupados apenas com o salário que recebem após a atividade.
- Analisar se a metodologia da autonomia era trabalhada por meio das avaliações acadêmicas, com planos de ações em modelos de aprendizagem.

3 - MARCO TEÓRICO

São diversas as tendências pedagógicas, porém, o foco deste trabalho será comparar as tendências trabalhadas por Freire, Saviani e Libâneo, e os possíveis diálogos na *práxis* educacional, nos modelos contemporâneos da educação básica.

A pedagogia histórico-crítica considera a educação como “o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2011, p. 13). Sua construção, ainda em processo, representa um avanço para o campo educacional brasileiro, por sustentar que apenas mediante o domínio do conhecimento socialmente produzido será viabilizada a transformação social com a eliminação dos privilégios existentes e a efetiva concretização dos princípios democráticos.

Freire (1997) esclarece que o homem não nasce homem, que ele se forma homem, e isso acontece pelo convívio e vivência com outros seres humanos inseridos dentro de um contexto sociocultural. Pelo contexto histórico-social, o homem se torna diferente dos animais, pois possui a capacidade de ser um ser consciente de sua própria história e um ser crítico neste processo.

A diáspora educacional e o pensamento marxista, reformulação social do conhecimento, com verbalização da fala e do questionamento humanos, os porquês da educação autônoma e qual processo formativo de realização da prática docente e a formação de educandos e educadores no contexto da autonomia didática.

Para Libâneo (2010), a tendência crítico-social propõe uma educação vinculada à realidade econômica e sociocultural dos educandos, ligando ensino e ação transformadora da realidade, ação e reflexão, prática e teoria. Sendo assim, essa tendência busca atrelar as condições econômicas, social e cultural dos alunos

trabalhando assim com a realidade e vivências deles buscando vincular teoria e prática com o que já conhecem.

Saviani (2011, p. 137) também fala do método e das relações de trabalho e, para ele, o método é um mecanismo pelo qual o professor pode ter sua prática embasada com tipos de abordagens que o mesmo irá aplicar em sala, principalmente no que se refere aos conteúdos disponibilizados para os educandos como ferramenta de aprendizagem. Ele também afirma que o trabalho não é qualquer tipo de atividade, mas uma ação adequada a finalidade a qual possui uma ação intencional

O discurso do senso comum enquanto materialização do pensamento dominante trata não de apresentar uma das possíveis maneiras de ver o mundo, mas, antes, os fatos como estáticos, determinantes de uma realidade dada e, através de métodos aparentemente imparciais, direcionando a compreensão das pessoas à ideia de que há soluções simples para problemas complexos.

A tendência pedagógica histórica crítica proposta por Saviani (*Ibid.*) visa estimular a atividade e a iniciativa do professor, e também favorecer o diálogo entre os alunos e dos alunos com o professor, sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura de vida que os alunos possuem. Devem ser considerados os interesses dos alunos, o ritmo de aprendizagem e o ritmo de desenvolvimento psicopedagógico sem esquecer a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão e assimilação dos conteúdos cognitivos.

Saviani (*Ibid.*) diz que quando se fala de “gradação”, o professor e os alunos estão em diferentes níveis de compreensão dos conteúdos, já que teoricamente o professor sabe mais que o aluno e, por isso, está na condição de ensinar os conteúdos de uma forma crítica, e com isso há um crescimento e desenvolvimento dos alunos. Diante disso, ele propõe, através de suas tendências pedagógicas, uma educação vinculada à realidade econômica e sociocultural dos alunos, conectando o ensino à uma reflexão e posteriormente à uma ação transformadora da realidade e da prática social.

Saviani (*Ibid.*, p. 87) apresenta diferentes tipos de saber ou de conhecimento, tais como: conhecimento sensível, intuitivo, afetivo, conhecimento intelectual, lógico, racional, conhecimento artístico, estético, conhecimento axiológico, conhecimento religioso e, mesmo, conhecimento prático e conhecimento teórico. Diversos saberes e conhecimentos que devem ser trabalhados para uma melhor aprendizagem.

Saviani (*Ibid.*) argumenta que o homem necessita produzir continuamente sua própria existência, diferente dos outros animais, que se adaptam à realidade natural

tendo a sua existência garantida. Para isso, no lugar de se adaptar à natureza, ele deve adaptar a natureza a si, transformando-a. Isso é feito pelo trabalho e é o trabalho que diferencia o homem dos outros animais.

A análise se constitui, segundo esta perspectiva, dialeticamente – por meio de constantes atualizações dos sentidos de memórias já estabilizadas. Isso sugere que o sujeito não é a origem do sentido, mas antes, os sentidos são fundados na medida em que memórias são reviradas, conceitos são silenciados e é trazido à baila, o equívoco que nos constitui.

O professor, através de sua prática pedagógica, pode levar em consideração os interesses e as vivências, os diferentes ritmos de aprendizagem, e, também, o desenvolvimento psicopedagógico de seus alunos. A educação é um dos mecanismos pelos quais se molda uma sociedade: ou para manter o *status quo*, ou a educação possibilita que professores e alunos sejam pessoas críticas-sociais no ambiente a que pertencem.

De Oliveira; Libâneo; Toschi (2017) defendem que os currículos dos cursos de licenciatura devam abranger as seguintes matérias pedagógicas: psicologia da educação, didática, estrutura e funcionamento do ensino de 2 grau e prática de ensino, sob a forma de estágio supervisionado. Para eles, como as transformações da sociedade não estão fora da realidade, os professores não podem dominar apenas saberes e competências docentes, mas devem se inteirar dos formuladores das políticas e diretrizes, atuando de forma crítica nas transformações da escola. Deve saber sobre o capitalismo, a globalização e as tecnologias, pois são meios dominadores que são utilizados como um meio de apropriação. Entretanto, os autores possuem esperança na escola pública com relação a um ensino mais democrático e mais igualitário.

3.1 - Conceito de autonomia na perspectiva filosófica

Em seu debate com a ortodoxia soviética, Castoriadis tece reflexões acerca das relações entre *práxis* e projeto, sublinhando que a primeira noção está indubitavelmente relacionada à ideia de que os outros são visados como seres autônomos e “considerados como o agente essencial do desenvolvimento de sua própria autonomia, [pois] a verdadeira política, a verdadeira pedagogia, a verdadeira medicina, na medida em que algum dia existiram, pertencem à *práxis*” (Castoriadis, 1991, p. 94).

Mas na *práxis* a autonomia dos outros não é um fim, ela é sempre um começo, pois não é finita. Existe uma relação intrínseca entre o que é visado – o desenvolvimento da autonomia – e aquilo por que ela é desejada em seu exercício, pois ambos os desejos constituem dois momentos de um mesmo processo.

Ao questionar o conceito de projeto revolucionário preconizado pela ortodoxia soviética, o autor sublinha que as políticas liberais tratam os “homens como coisas a partir de suas propriedades e de suas relações supostamente conhecidas” (Castoriadis, *Ibid.*, p. 96). No advento de uma nova etapa histórica instaurada pela emergência do socialismo soviético, o que se denomina como política revolucionária passa a ser a *práxis* que orienta a sociedade de modo a permitir a autonomia de todos, porém, podemos concordar “facilmente (sob condição de verificação de algumas poucas fases da história) que tal política nunca existiu até hoje. Como e por que poderia ela existir agora? Sobre o que poderia apoiar-se?” (Castoriadis, *Ibid.*, p. 96). A resposta a essa pergunta nos remete à discussão do próprio conteúdo do projeto revolucionário, que é precisamente a reorganização e a reorientação da sociedade pela ação autônoma dos homens.

Histórica da autonomia não pode ser confundida com a ideia de liberdade abstrata registrada nos princípios liberais que permeou até mesmo o marxismo, pois essa consolidação ocorreu no bojo do processo de constituição subjetiva do sujeito e constituiu um fenômeno intrínseco às relações sociais.

4 - AUTONOMIA FREIRIANA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE

A concepção de Freire que ele traz em seu livro *A Pedagogia da Autonomia* é de que a educação está fundamentada no caráter inconcluso do ser humano, já que o homem se forma homem através da educação e, por isso, a educação é um processo de formação, conhecimento e ensino. Diante disso, faz-se tão necessário o debate, a escuta, o diálogo, a humildade entre professor e aluno, já que o espaço acadêmico é um lugar de construção e reflexão crítico-social.

O papel do professor é o de mediador de práticas pedagógicas do conhecimento, a qual se utiliza do mesmo para dialogar, pois, segundo Freire (2013), quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Essa concepção parte do

princípio de que nós, seres humanos, estamos sempre aprendendo, de que a aprendizagem é algo que está sempre em processo de mudança, não é algo conclusivo.

Freire (2013) também defende uma educação dialógica, por ela despertar a curiosidade “epistemológica”, na qual conhecer significa sempre uma nova aprendizagem do objeto a ser conhecido, uma nova compreensão da realidade.

A historicidade se apresenta como a ausência de fronteiras ou atravessamento entre elementos internos e externos ao texto. Os acontecimentos históricos são preenchidos de sentido na medida em que são atravessados ideologicamente e intermediados pela língua. Precisamos de sentido para nos relacionar com o mundo; um meio de poder dizer/significar é o discurso. Por essa razão, um acontecimento discursivo é aquilo que possibilita discursivizar o histórico.

Assim, a análise resulta na produção de determinados efeitos de sentido, provocados não por um sujeito, mas por um conjunto de condições de produção nas quais estão inclusos os sujeitos: aquele que profere o discurso e o sujeito pesquisador analista de discurso. No relato a seguir, procuramos analisar um trecho de discurso discente produzido durante uma dinâmica em sala de aula a fim de evidenciar efeitos de sentido de autonomia.

A autonomia está presente no corpus analisado pela clareza na percepção de que todo senso comum é palco de ensinamentos constituídos por meio da luta de forças. Nem mesmo a direita “é um movimento unitário”, mas uma “coalizão de forças com muitas ênfases diferentes; algumas têm áreas comuns, outras conflitam entre si” (APPLE, 2003 p. 10).

O campo educacional é complexo e constituído por forças políticas, históricas e ideológicas. Trata-se de um processo complexo e contínuo de dominação, de construção de uma hegemonia através de elementos de bom senso, capazes de criar elos de identificação com as pessoas, atores que conscientemente votam contra seus principais interesses. Aqui a contradição adquire outra forma a nível de sujeito, estes processos não ocorrem sem mediação; são, antes, mediados por uma força despolitizante, está, por sua vez, guiada pela ideia de alienação.

Freire (2013) ainda pondera que o professor crítico precisa estar predisposto à mediação e aceitação do diferente, porque na sala de aula pode haver conflitos de interesses para construir uma educação libertadora. É necessário o debate que discuta questões que nem todos concordarão. É preciso respeitar os saberes dos educandos, ter o

olhar crítico e superar o senso comum, pelo conhecimento de uma rigorosa ética ao lado da estética.

Freire (2013) afirma que o professor precisa ser pesquisador, pois ensinar exige pesquisa. Ele ainda afirma que quem forma se forma e reforma ao formar e, quem é formado forma-se e forma ao ser formado. Com isso, um professor aprende com o seu educando e o educando aprende com o seu professor, proporcionando uma constante aprendizagem compartilhada.

Nesse sentido, uma “ciência” se põe – aquela positivista, que se constitui como dominante, que apresenta respostas em vez de questionamentos; que privilegia e valida determinados conhecimentos e inteligências em detrimento de outras. Ora, um currículo não é desenvolvido e/ou aplicado de modo ingênuo; o que é ensinado nas escolas é a reprodução ideológica das capacidades (sobretudo tecnológicas) necessárias à manutenção de uma hegemonia, de um sistema estratificado, de um *status quo*. Pensar em uma escola sem ideologia, portanto, é o mesmo que pensar em uma escola fora de qualquer contexto material.

Cruz e Andre (2014) deixam claro sobre a importância da didática na formação do professor, já que fazem um breve percurso histórico, de universidades públicas e privadas, de como esta metodologia freiriana está sendo aplicada com os discentes e como impacta na formação de professores, principalmente com relação a defender uma educação que foge da pedagogia tradicional. Tais como as perspectivas da escola novista e tecnicista, que são metodologias que não utilizam do pensamento crítico e reflexivo, não exigindo assim a necessidade de se pensar a prática pedagógica como prática social.

Baseada no pensamento de Freire (FREIRE, 1970, pg.70), a pedagogia libertadora tem como missão a conscientização e a transformação social e propõe a formação de homens capazes de refletir sobre sua realidade e se reconhecer como oprimido e visar mudanças estruturais. Com isso, é relevante abordar temas reflexivos onde se possa trabalhar dentro de sala com grupos de discussão e diálogos em que o professor é considerado um mediador.

A Autonomia que Freire fala é a de uma ação de oposição a uma ordem preestabelecida do indivíduo, pelos quais os professores não podem dominar sobre a opinião alheia, dado que os indivíduos são sujeitos e possuem opiniões e vontades, e devem possuir liberdade para se expressarem. Essa Autonomia realmente busca a libertação dos indivíduos, essa pela qual o indivíduo tem liberdade de escolha.

5 - ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

A Licenciatura foi planejada para que houvesse estágios como componentes curriculares em todos os semestres e o relato deles poderão ser visto a seguir. São quatro estágios supervisionados que passam por: observações, entrevistas, elaboração de um curso FIC e aplicação do curso elaborado.

5.1 - Estágio I: Observações

Durante o primeiro estágio supervisionado foram observadas dez horas de aulas no período noturno do PROEJA. Deveríamos relatar tudo o que acontecia nas aulas, com nossas impressões. A sala era bem diversa, pois os alunos eram de idades e cidades distintas.

Freire (2013) questiona o porquê de não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos. Pude observar que, nas aulas, algumas práticas freirianas foram desenvolvidas e uma delas foi abordar o cotidiano dos alunos, a vivência que eles possuem e trabalhar isso através da mediação do professor, que acaba provocando o pensamento crítico dos alunos.

Mesmo com todas as diferenças e particularidades dentro de uma sala de aula, todos têm a possibilidade de aprender mais sobre como ser sujeito da própria história. Partindo desse princípio, foi possível verificar que os professores do *Campus Samambaia* utilizam dessa metodologia através da didática abordada no espaço da sala de aula, pois desenvolve habilidades dos discentes e, principalmente, há uma troca de conhecimentos entre docente e discente. Freire (2013) afirma isso quando diz que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender, pois quem ensina, ensina alguma coisa a alguém.

Com o relatório desse primeiro estágio entregue ao final do semestre foram observadas as metodologias utilizadas pelos professores com alunos de idades diversas; como se davam essas aulas para alunos que estavam há muito tempo fora do ambiente escolar, e, tentar responder uma inquietação pessoal de como dar uma aula aplicando metodologias mais adequadas.

Não é possível afirmar categoricamente que todas as metodologias aplicadas no *Campus* Samambaia são fielmente as defendidas por Paulo Freire, Saviani ou Libâneo, mas, pude perceber que os professores buscam utilizar metodologias que facilitem o processo de ensino-aprendizagem.

A partir das observações em sala de aula, comecei a me questionar o que seria mais fácil ao desenvolver minhas aulas para provocar nos discentes uma reflexão crítica da situação de moradia no Brasil, um país que possui uma vasta extensão territorial, mas que grande parte da população vive em condições desumanas e indignas de moradia.

5.2 - Estágio II: Entrevistas

Na segunda fase do estágio, foi elaborado o roteiro de uma entrevista semiestruturada sob a orientação da professora responsável pela disciplina de estágio. As entrevistas foram realizadas com os alunos do *Campus* Samambaia, dos cursos subsequentes e PROEJA em Edificações.

Foi sugerido que as entrevistas fossem realizadas com alunos maiores de 18 anos de idade. Antes de cada entrevista foi solicitada autorização para a realização das entrevistas e explicado que seriam utilizadas somente para fins de pesquisa.

O roteiro de entrevista utilizou as seguintes perguntas:

- Fale sobre seu dia no curso.
- Fale um pouco como você vê as relações entre os alunos, os professores e a Instituição de Ensino.
- O que é ser professor para você? E o professor dentro da sua sala de aula?
- Como você se vê enquanto aluno no seu processo de aprendizagem?
- Qual a expectativa que você tem em relação ao curso?

Analisando as respostas das entrevistas, pude perceber que seria possível dar aulas se utilizasse métodos que abordassem a autonomia na construção do saber.

Através das falas dos estudantes verifiquei que boa parte deles gosta da estrutura do *Campus* e acreditam que a maioria dos professores é excelente. Entretanto, na fala de um entrevistado, percebi que na visão dele, houve um professor que não possuía domínio de conteúdo, pois passava muitos *slides* na aula.

Um entrevistado afirmou que ele estava aprendendo muito com os conteúdos ensinados, que ele tinha aula no laboratório e isso estava influenciando até mesmo na

vida profissional, pois ele estava conseguindo montar projetos na área da construção e que já estava ajudando os colegas de sala. Ele também afirmou que assim que o filho possuísse idade para entrar no ensino técnico, ele participaria das seleções.

Alguns afirmaram nas entrevistas que ficar muito tempo fora do espaço escolar acabou prejudicando muito o aprendizado e também outra queixa bem frequente é a de que nem todos tinham contato ou domínio das ferramentas tecnológicas para poder montar projetos nos computadores. Freire (1997) garante que a humildade ajuda a reconhecer que ninguém sabe tudo e ninguém ignora tudo, pois todos nós sabemos algo e ignoramos algo. Um docente precisa ter a ideia de que não existe uma sala em que todos possuam o mesmo tempo de aprendizagem e é necessário que ele consiga pensar em um método que alcance a todos.

Nesse sentido, tanto Freire como Saviani trazem métodos que podem nortear a prática de um professor, onde ele possa fazer uma mediação que realmente alcance os alunos utilizando uma visão crítica dos conteúdos que serão trabalhados em sala de aula, provocando um questionamento da realidade dos alunos. Mas, a partir de sua realidade social, o professor, por meios de textos, filmes, documentários, rodas de debates podem problematizar o que está por trás daquele contexto social ao qual o aluno está inserido.

5.3 - Estágio III: Elaboração do Curso FIC

No terceiro semestre, houve a fase de planejamento e construção do plano do curso de Formação Inicial e Continuada (FIC). Foi uma construção coletiva, mas, ao mesmo tempo individual, visto que cada discente deveria construir o plano de ensino do seu componente, baseado em sua primeira formação. Cada discente possuía uma formação inicial, sendo elas: Administração, Arquivologia, Contabilidade, Direito, Engenharia Florestal, Filosofia, Jornalismo, Serviço Social e Turismo.

Mesmo com tantas formações diferentes, a problemática maior foi definir o tema central do curso, a quantidade de horas, o público alvo e os componentes. Contudo, definiu-se por um curso que houvesse a possibilidade de trabalhar a transversalidade, onde cada docente trabalharia um componente pertinente a sua área de formação integrando com os outros componentes.

Por fim, ficou definido que o curso FIC trabalharia a temática dos Direitos Humanos e foi intitulado: Direitos Humanos, Ética, Convivência Democracia e Educação Inclusiva na Construção da Sociedade Possível. O público alvo foi pensado

para membros da sociedade civil, servidores públicos, trabalhadores e estudantes interessados em desenvolver ações em defesa dos direitos humanos.

Com a minha formação inicial em Serviço Social, optei por abordar em sala de aula a discussão sobre os direitos a terra, começando pelas capitânicas hereditárias até a situação atual dos brasileiros “sem teto e sem terra”.

Freire (2013) afirma que quando entrarmos em uma sala de aula devemos estar abertos a questionamentos, à curiosidade, às dúvidas dos alunos, a suas inibições. O plano de ensino que desenvolvi foi voltado para os direitos humanos e direito à moradia, na perspectiva da dignidade humana. Como componente curricular, propus discutir a temática dos “sem teto” e dos “sem terra”. Com essa temática, planejei as aulas para provocar nos discentes debates reflexivos da moradia no Brasil, para uma melhor compreensão da temática dos “sem teto e sem terras”.

5.4 - Estágio IV: Aplicação do curso FIC

O último semestre estava previsto a aplicação do FIC, mas, por conta do contexto pandêmico de 2020, não foi possível ministrar minhas aulas. Isso fez com que eu me sentisse desconectada de todo o processo construtivo que estava tão engajada, e isso trouxe dificuldades na finalização do relato de experiência.

Planejei minhas aulas com algumas ideias de avaliação e para trabalhar o conceito dos “sem teto e sem terras” com os discentes. Freire (2013) diz que utilizar a educação como intervenção se refere a mudanças radicais na sociedade, na economia, nas relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, à terra, à educação, à saúde. Com essa temática das terras, o propósito era debater criticamente a ideia de transformação, relacionada a questões humanas e territoriais.

Como planejamento da primeira aula (*vide* apêndice A), foi pensada a abordagem da relação das capitânicas hereditárias e a posse de um teto, e direito a terra nos dias atuais. Nessa aula, seria aplicado um questionário com oito questões para ser feito um diagnóstico sobre o entendimento dos estudantes acerca do assunto. Esse questionário também serviria como método avaliativo para a primeira aula, que tinha como objetivo compreender o percurso histórico brasileiro da divisão da terra através de recortes da história e relacionar com os direitos humanos.

As questões eram:

- 1) Quais os possíveis motivos que fizeram as pessoas se deslocarem do campo para as cidades?
- 2) Você conhece alguém que saiu do campo para a cidade? Essa pessoa é você, algum parente ou conhecido?
- 3) As pessoas contam sobre as experiências ao virem morar em Brasília? Essa jornada foi fácil ou difícil?
- 4) Elas conseguiram arrumar emprego? Possuem moradia própria?
- 5) Elas moram no Plano Piloto ou em outras Regiões Administrativas? E esta escolha é por opção ou falta de condições financeiras?

Na segunda aula (*vide* apêndice B), o objetivo era a conceituação de moradia urbana, política agrícola e fundiária e reforma agrária. Essa aula aconteceria de forma expositiva através de *slides*, e depois os alunos fariam a leitura e debate do texto.

Na terceira aula (*vide* apêndice C), o objetivo era realizar uma aproximação dos textos teóricos e metodológicos com a realidade das pessoas que lutam para ter um teto, e um lugar para morar: Discutir as expressividades da colonização da terra e da moradia na era das finanças; apresentar as nuances do estado brasileiro, longa relação com as empreiteiras e; discutir sobre o programa minha casa minha vida como instituição de remoções. A aula começaria com uma breve apresentação dos conceitos através dos *slides* e também um texto para debate e apresentação. Os textos seriam disponibilizados no grupo de *Whatsapp* e sorteada a temática de cada texto na aula anterior, para que cada discente pudesse escolher o tema que possuísse alguma afinidade. Por fim, cada grupo iria debater o texto em sala.

Na quarta aula (*vide* apêndice D), o objetivo era realizar uma aproximação dos textos teóricos e metodológicos com o filme *Minha casa rosa*, e fazer um comparativo com outras realidades pelo mundo. Na avaliação, seria cobrado de cada aluno um relato de experiência.

Devido à pandemia do coronavírus em 2020, o FIC não pode ser finalizado. As aulas foram suspensas e o trabalho final de curso foi baseado nos três primeiros estágios. Muitos dos discentes não puderam experimentar a prática docente, conduzindo uma turma em uma sala de aula.

De Sousa Oliveira *et al* (2020) apontam que a educação não será mais a mesma após o ano de 2020, que as aulas da maneira tradicional não existirão mais, pois tudo mudou na dinâmica e rotina escolar diante da pandemia ocasionada pela Covid-19. Isso ocasionou mudanças nas relações entre estudantes e professores, nas dinâmicas de

estudos e realização das tarefas. Foi preciso que todos se reinventassem e a educação foi um segmento bastante afetado, mostrando o quão frágil é a preparação de professores e alunos com relação a esse mundo do ensino tecnológico.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração do curso FIC permitiu que os professores pudessem trabalhar com grupos de estudantes de diferentes idades, locais, níveis de escolaridade e situações socioeconômicas. Possibilitou também que fossem abordadas diferentes expressividades do curso, visto que havia docentes com diferentes formações acadêmicas, o que oportunizou diversidade para a vivência de um estudante que procura cursos para se desenvolver enquanto pessoa e profissional, levando em consideração as questões dos direitos humanos.

Com uma linguagem simples e reflexiva criou-se a possibilidade de o aluno desenvolver autonomia em sua aprendizagem para estudar, pensar e refletir sobre questões do cotidiano, pertinentes a temática dos direitos humanos proposta pelo curso FIC. Isso iria permitir vivenciar uma prática pedagógica de como ser um professor, utilizando metodologias para ser influenciador e ser influenciado.

Por fim, em alguns momentos, foi percebido que os professores do *Campus Samambaia* utilizam da ideia de autonomia na aprendizagem do aluno, pois as metodologias utilizadas facilitam o ensino-aprendizagem e possibilita essa autonomia tão defendida por Paulo Freire.

O homem não nasce homem, ele se forma homem e isso se dá pela educação, através das ferramentas, como escuta dialógica, debates e intervenções que transformam as vidas de quem ensina e de quem aprende. Nesse processo de construção em vivenciar cada etapa dos estágios, consegui responder um questionamento pessoal, que seria como dar uma aula aplicando metodologias mais adequadas e que facilite o ensino-aprendizagem.

Conforme Freire (1996, p.36), “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Portanto, nós, enquanto estagiários, fomos privilegiados por fazer parte deste curso de Licenciatura, com essa formação docente que nos preparou para a atuação como professores.

REFERÊNCIAS

APPLE, M. **Educando à Direita: Mercados, Padrões, Deus e Desigualdade**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

CASTORIADIS, C. A **Instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

CRUZ, Giseli Barreto da; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Ensino de didática: um estudo sobre concepções e práticas de professores formadores. **Educação em Revista**, v. 30, n. 4, p. 181-203, 2014.

DE OLIVEIRA, João Ferreira; LIBÂNEO, José Carlos; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. Cortez Editora, 2017.

DE SOUSA OLIVEIRA, Eleilde et al. A educação a distância (EaD) e os novos caminhos da educação após a pandemia ocasionada pela Covid-19. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 52860-52867, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 47. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1997.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA. **Projeto do Curso de Licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica** - Formação Pedagógica para Graduados Não Licenciados. Brasília, IFB, 2018.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**/ Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Fundamentos teórico-metodológicos da pedagogia crítico-social (perspectiva histórico-cultural)**. Universidade Católica de Goiás, 2010.

SAVIANI, Dermeval, 1944 - **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11.ed.rev. - Campinas, SP: Autores Associados, 2011. — (Coleção educação contemporânea)

APÊNDICE A



PLANO DE AULA 1

Curso: Direitos Humanos, Ética, Convivência Democrática e Educação Inclusiva na Construção da Sociedade Possível

Componente Curricular: Sem Teto e Sem Terra

Carga Horária: 2h/aula Semestre 1/2020 Turno: noturno

Professora: Denise Maria De S. Silva

Ementa: Direitos Humanos e direito à moradia na perspectiva da dignidade humana

Mês	Abril	Dia	2020	Nº Aula	Conteúdo	Pragmático
04		07/04 13/04	2020		Direitos Humanos	Na perspectiva do Direito à Terra e à um Teto.

OBJETIVOS

Geral: Compreender o percurso histórico brasileiro da divisão da terra, através de recortes temporais correlacionados com os Direitos Humanos.

Específicos: Conceituar sobre a divisão de terra no início da colonização do país, como um dos principais motivos para a má distribuição de renda brasileira; Compreender os impactos dessa divisão da terra, na sociedade atual, principalmente com a falta de moradia ou com moradias impróprias; Entender o que as capitanias hereditárias refletem hoje com relação a ter um teto ou ter direito à terra.

Conteúdo

Capitanias hereditárias e política nacional de habitação
Artigos 182 e 183 da Constituição Federal: Política Urbana
Artigo 13: Declaração universal dos direitos humanos.

METODOLOGIA DE ENSINO

1- Aula: Apresentação Capitanias hereditárias.

A) **15 minutos:** CONCEITO uma breve apresentação do significado de Capitanias hereditárias. Administração colonial (slides)

B) **Artigo 13** Declaração universal dos direitos humanos (slides)

20 minutos: será aplicado um questionário diagnóstico

5 Minutos: Apresentação do vídeo História do Brasil: as Capitanias Hereditárias

Objetivo: reforçar o conhecimento

Recursos necessários: Computador, Datashow, caixa de som, folhas de papel.

Avaliação: Será feita através do questionário aplicado no início da aula.

REFERÊNCIAS

História do Brasil: As Capitâneas Hereditárias do Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9wcvub23GUU>>. Acesso em 22 set. 2019.

Constituição Texto Atualizado. Disponível em: <<http://www.quimicaajs.com.br/pdp/pdf/constituicao.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2020.

Administração Colonial. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZKdH9eMcAPQ>>. Acesso em: 24 fev. 2020

APÊNDICE B



Plano de Aula 2

Curso **FIC:**
Direitos Humanos, Ética, Convivência Democrática e Educação Inclusiva na Construção da Sociedade Possível.

Componente Curricular: Sem Teto e Sem Terra

Público Alvo: Membros da sociedade civil, servidores públicos, trabalhadores e estudantes interessados em desenvolver ações em defesa dos Direitos Humanos, Democracia, Cidadania e Inclusão Social.

Carga Horária: 1,30/H aula **Semestre 1/2020** **Turno: noturno**

Professora: Denise Maria De S. Silva

Ementa: Direitos Humanos e direito à moradia na perspectiva da dignidade humana

As aulas serão expositivas, com apresentação de slides e leitura de textos.

MÊS	ABRIL	DIA	2020	Nº AULA	Conteúdo Pragmático
04		7/04 13/04		4	Direitos humanos na perspectiva do direito à terra e direito à moradia.

OBJETIVO GERAL: Apresentar conteúdo pertinente que consta nos Artigos 182, 183, 184 e 191 da Constituição Federal, fazendo um paralelo com o Programa Minha Casa, Minha Vida, do Governo Federal.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Conceituar sobre a moradia urbana, política agrícola e fundiária e reforma agrária.

DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO:

1º MOMENTO: 30 MINUTOS: Explanção dos Artigos 182, 183, 184 e 191 através de slides.

Após apresentação dos slides, pedir que os alunos respondam as seguintes perguntas: O que é política urbana? O que é política fundiária e de reforma agrária? Qual a função social da terra?

2º MOMENTO: 30 minutos: leitura de um texto que tem 17 páginas, que será dividido entre cinco grupos com seis integrantes cada. Ao final, um representante de cada grupo irá falar o que entendeu do texto.

3º MOMENTO: 15 minutos: para a explanção da compreensão do texto.

OBSERVAÇÕES: Esse plano pode sofrer alterações com o decorrer da aula.

RECURSOS NECESSÁRIOS: Datashow, computador, pendrive, livro, textos, leis impressas, folhas de papel em branco.

AVALIAÇÃO: Será realizada através de um breve texto reflexivo sobre a aula expositiva.

REFERÊNCIAS

Constituição Texto Atualizado. Disponível em:

<<http://www.quimicaajs.com.br/pdp/pdf/constituicao.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

ERMÍNIA, Maricato. Metrópole, legislação e desigualdade. **Estudos avançados**, v. 17, n. 48, p. 151-166, 2003.

APÊNDICE C



Plano de Aula 3

Professora: Denise Maria de Sousa Silva

Curso FIC Direitos Humanos, Ética, Convivência Democrática e Educação Inclusiva na Construção da Sociedade Possível.

Componente Curricular: Sem Teto e sem terra

Carga Horária: 1h30

Semestre: 1/2020

Turno: Noturno

Ementa: Direitos Humanos e direito à moradia na perspectiva da dignidade humana.

MÊS	ABRIL	DIA	ANO	Nº AULA	Conteúdo Pragmático
04	07/04	07/04 13/04	2020	04	Direitos humanos na perspectiva do direito a terra e direito à moradia

Público-alvo: Membros da sociedade civil, servidores públicos, trabalhadores e estudantes interessados em desenvolver ações em defesa dos Direitos Humanos, Democracia, Cidadania e Inclusão Social.

Objetivo geral: Realizar uma aproximação dos textos com a realidade das pessoas que lutam pra ter um teto, um lugar para morar.

Objetivos específicos:

- Discutir as expressividades da colonização da terra e da moradia na era das finanças;
- Apresentar as relações dos Estados brasileiros com as empreiteiras;
- Discutir sobre o Programa Minha Casa, Minha Vida, como instrumento de remoções.

1º MOMENTO: 30 minutos: fazer uma breve explanação dos objetivos específicos.

2º MOMENTO: 25 minutos: leitura e debate de textos que será disponibilizada através do e-mail da turma. Os temas de cada texto serão definidos previamente através de sorteio. Cada grupo ficará com um tema e terá cinco integrantes. A divisão será feita por sorteio.

3º MOMENTO: 25 minutos: um integrante de cada grupo vai fazer uma breve apresentação do texto lido.

OBSERVAÇÕES: O plano pode sofrer alterações com o decorrer da aula.

RECURSOS NECESSÁRIOS: Datashow, computador, pendrive, livro, textos, pincel, carteiras, mesa, quadro branco.

AValiação: Será realizada através da participação e apresentação do tema de cada texto.

REFERÊNCIAS

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças.** Boitempo Editorial, 2017.

APÊNDICE D



PLANO DE AULA 4

Professora: Denise Maria de Sousa Silva

Semestre: 1/ 2020

Curso FIC Direitos Humanos, Ética, Convivência Democrática e Educação Inclusiva na Construção da Sociedade Possível.

Componente Curricular: Sem Teto Sem Terra

Carga horária: 1h30

Turno: noturno

Ementa: Direitos Humanos e direito à moradia na perspectiva da dignidade humana.

MÊS	DIA	Nº DE AULA	Conteúdo Pragmático
4	07/04 13/04	4	Direitos humanos na perspectiva do direito à terra e direito à moradia

Público alvo: Membros da sociedade civil, servidores públicos, trabalhadores e estudantes interessados em desenvolver ações em defesa dos Direitos Humanos, Democracia, e Cidadania e Inclusão Social.

Objetivo Geral: Realizar uma aproximação dos textos com o filme minha casa Rosa, um comparativo com outras realidades pelo mundo.

Objetivo Específico: Discutir o filme Minha casa rosa.

1º MOMENTO: 1h30: Apresentação do filme.

2º MOMENTO: 20 minutos: fazer um relato de experiências, do filme em paralelo com texto, debatidos anteriormente com causas da realidade brasileira.

3º MOMENTO: Recolhimento dos textos escritos e encerramento.

AVALIAÇÃO: Será cobrado aos discentes um texto escrito na forma de um relato de experiências.

RECURSOS NECESSÁRIOS: Datashow, computador, pendrive, livro, textos, pincel, caixa de som, carteiras, mesa, quadro branco.

REFERÊNCIAS

Minha casa rosa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZqGJN08y1fA>>.